

Irineu
Berestinas

TRANSGÊNICOS
LITERÁRIOS

SUMÁRIO

SOBRE A OBRA.....	8
PREFÁCIO: GRAUDEZAS DA ENTRADA.....	10
CONCAVO E CONVEXO.....	15
PROSA E POESIA: PINTANDO A TELA.....	17
QUIMERA.....	19
PROSA E VERSO: DEVAGAR COM O ANDOR.....	22
OS ACRÉSCIMOS	25
PROSA NA POESIA: NAS TRILHAS DE LEMINSKI... (UMA HOMENAGEM A CURITIBA E AO SEU SAUDOSO, INCRÍVEL E IRREVERENTE POETA).....	28
PAUTA	32
PROSA POÉTICA: A TARDE FINALIZADA	34
O GALO CANTA.....	39
PROSA E POESIA: TRABALHANDO... SIM!.....	40
O ESPELHO DA FÉ	43
PROSA EXISTENCIAL: SOU O QUE SOU.....	45
MINHAS APARIÇÕES NO FACE... ..	49
PROSA NA POESIA: UMA PROGRAMAÇÃO JÁ CONHECIDA.....	51
INSEGURANÇA.....	54
RODADA DE AUGÚRIOS NA PROSA.....	55

FUGA.....	57
UM CONTO NAS POESIAS: O OCASO DE UMA ABERRAÇÃO	58
ENCRUZILHADA.....	61
UM CONTO NAS POESIAS: O PEQUENO CÃO	62
DESTINO	66
UM CONTO NA POESIA: MANHÃ DESVIADA.....	67
É PAU É PAU É PEDRA É PEDRA	71
PROSA NA POESIA: PEDÁGIO.....	72
A SOBERBA.....	75
NOVOS TEMPOS.....	77
PROSA NA POESIA: EXTRATERRENA	80
PROSA NA POESIA: CAPTURADO NA SOLIDÃO	82
DEFICIÊNCIAS	85
PROSA NA POESIA: PASSADAS QUE RECOMENDO ...	86
AVENTURA.....	88
PROSA NA POESIA: OTIMISMO (DATA VÊNIA, VOU DISCORDAR).....	90
CALMARIA ASFIXIANTE.....	92
PROSA NA POESIA: NOVA ROTA.....	93
PROSA NA POESIA: CONFISSÃO.....	95
AFINIDADE.....	97
O PERFUME NA POESIA	98

ABASTADA.....	100
PROSA NA POESIA: O DESENCONTRO	101
CHUVA INSUFICIENTE	103
EMBATE.....	104
PINGOS NOS 'IS'	105
ROTEIRO IMPREVISÍVEL	106
QUOD ABUNDAT NON NOCET (O QUE ABUNDA NÃO PREJUDICA – PELO MENOS NA POESIA...)	108
UMA PROSA NA VIAGEM.....	109
RESOLUÇÃO.....	112
PROSA NA POESIA: FATOS E COMENTÁRIOS.....	113
ENLEVO	116
PROSA NA POESIA: EXPLICAÇÃO	119
DESENTRAVE.....	121
PROSA POÉTICA: UM PEDIDO	122
MOMENTO	126
SE NADA DER CERTO.....	128
RODADA DE AUGÚRIOS NA PROSA.....	129
INQUIETUDE.....	131
PROSA NA POESIA: ROUBO	132
NOVIDADE.....	134
PRESENTE DE GREGO.....	135
O VOO DA CORUJA.....	136

DECLÍNIO NA POESIA.....	138
VIZINHANÇA.....	140
PROSA NA POESIA: CONTANDO AS HORAS.....	142
VADIAGEM.....	144
DESCOMPENSADO	146
VÁCUO	147
POEMA/PROSA: INCÔMODA ESTAÇÃO	148
TANTO.....	150
PROSA NA POESIA: A ESCULTURA DO FUTURO	152
SOBREVOANDO.....	154
PROSA NA POESIA: INCONSTANTE	155
O PIQUE DA EMOÇÃO: AS CORES.....	157
PROSA NA POESIA: DESGOSTO	160
O CORTE	161
NAPOLEÃO	162
MOMENTO NORMATIVO.....	163
QUERER	164
ROSAS.....	165
INCÔMODO.....	166
ESCÁRNIO	167
EM BUSCA DE UMA SAÍDA	168
DÚVIDAS.....	169
DISTRIBUIÇÃO	171

DESFECHO ESPERADO	172
DESCONFORTO.....	174
ATÉ QUANDO?.....	175
CORRENTEZA.....	176
AS VARIAÇÕES	178
AS BORBOLETAS.....	180
ABERTURA	181
A CORDA ESTICADA	182
A FOME.....	183
A BAGAGEM DO PENSAR	184
A MARATONA	185
VALENTIA.....	186
CARTADA	187
UMA TRAVESSIA OBSTINADA.....	188
TOTALIZAÇÃO	191
QUE NÃO RESULTEM DÚVIDAS NESTA SESSÃO.....	193
ÓDIO	195

SOBRE A OBRA

Transgênicos Literários (Prosa e Poesia) é um trabalho no qual o autor desenvolve prosas, poesias e prosas poéticas (algumas salpicadas de poesia e filosofia) e mais três contos que insere. Incorpora conteúdos de trabalhos anteriores, quais sejam, Varal de Letras Desalinhas e “Empinando versos no entardecer”. Refaz parte desse trabalho. Algumas dessas poesias são transformadas em prosa na poesia, outras reordenadas. Outras são editadas originariamente. Muito do que esta obra contém já foi alvo de publicações em sua fanpage ([facebook.com/irineuberestinas](https://www.facebook.com/irineuberestinas)) ou no seu blog (irineuberestinas.blogspot.com.br). Neste último também publica textos sobre economia e política. É um trabalho que respinga preocupações, divagações existenciais, sentimentos que fotografam as andanças dos homens nesse mundo enviesado e inconstante. No prefácio, de autoria do próprio autor, contém uma perspectiva da dimensão da política, no qual lances de passagens históricas são trazidos, simultaneamente com as preocupações encadernadas nos transgênicos literários que divulga. Neles se estendem os fundamentos que descortina. De todo modo, a obra está aí para despertar a atenção dos leitores, com cenas e paisagens que dispensam o formato do lugar comum. Quem por ela se interessar que faça um bom proveito, pois é absolutamente necessário compreender os significados dos nossos tempos sem a forma dos dispositivos que apenas exigem o exercício da visão, dispensando qualquer atitude interpretativa ou

reflexiva. O autor dá nome a esses elementos tão difusos na cultura do facebook, de culinária do intelecto domesticado pelo fogão. Propõe, com o seu trabalho, que mergulhemos o nosso pensamento com questões que formam a teia da brava luta desfazedora dos tempos tão distorcidos e enjaulados por formas de pensar manipuladas, com viés de renovado autoritarismo. A diagramação incorpora a publicação alternada de prosas e poesias (três contos também são incluídos, como já relatei).

PREFÁCIO

(GRAUDEZAS DA ENTRADA)

Ventos da direita? Ventos da esquerda? Não, não! Posso garantir que passam ao largo desta embarcação. Aqui o ouro é buscado nos esconderijos das rochas ou nas águas que passam pelo leito dos rios e jamais por meio de química engenhosa da pedra filosofal. Por favor, por favor, entendam-me!

Vamos, porém, interpretar os passos dessa gente. Ora, eles estão nos parlamentos tentando seduzir os seus pares, seja para levá-los ao precipício ou para juntá-los como parte da solução requerida... Ora, com o fuzil mandando bala, com a intenção de emplacar a sua ideologia, nem que seja pela força das armas (Clausewitz, aquele general prussiano que tinha uma visão própria e opinativa sobre os campos de batalha, já havia chamado a nossa atenção: a guerra é a continuação da política por outros meios). Não se assustem, pois somos todos obrigados a conviver com a produção desse caleidoscópio. Aqui, todavia, neste expediente literário, as cores chegam sem ser agravadas, porque não carrego a mala de interesses atravessados...

Tudo teve origem na França do Dr. Guilhotin, a partir de 1789. Jamais, entretanto, o referido inventor da engenhoca imaginou que o seu instrumento seria capaz de patrocinar tão extenuante jornada. Uma revolução com um apoio logístico desse porte poderia governar a França, por um bom tempo, sem nenhuma resistência... Assim constituía planos Maximilien François Marie Isidore de Robespierre, o líder dos jacobinos. E seguiu em frente....

Vamos, porém, ao ponto inicial. No parlamento, girondinos, à direita, de um lado; e jacobinos, à esquerda, de outro, deram o ponto de largada na expedição.

Acerca de Luís XVI e Maria Antonieta (a Rainha dos brioques), só de pensar, já me vejo em estado de choque, pois a impiedade jacobina foi de tal ordem, que ambos tiveram o pescoço tomado de assalto, em que pese a boa vontade do Rei, antes da instauração da confusão, ao acenar com o corte de gastos da Coroa para acertar as finanças da monarquia absolutista (em frangalhos contábeis e de caixa...), cujos assaltos fiscais até então estavam concentrados apenas no 3º Estado (cortesãos, burgueses e camponeses), porque a nobreza e o clero viviam avidamente à procura de sombra e água fresca, os seus esforços, todavia, eram sabotados pela Rainha, Maria Antonieta, por meio das festas glamourosas que promovia no Palácio, é devido registrar.

As revoluções não brincam em serviço! Mas, diagnóstico à parte, sigo o relato, agora com lances pitorescos sobre esse badalado evento histórico. Quando abriram as portas da Bastilha, havia apenas meia dúzia de gatos pingados, selecionados por problemas de bebedeira ou de loucura, e ninguém mais, para decepção dos jacobinos, já com o discurso pronto para descascar o verbo no Rei...

Já Robespierre, o mais exaltado de todos os revolucionários e um entusiasta do invento do Dr. Guilontin, a ele entregou a sua alma e o seu pescoço também, na continuação, não por vontade própria, mas por encaminhamento de terceiros.... E o que antes era solução para dar um jeito célere nos adversários passou a fazer

parte da pintura do seu ocaso. Pobre Robespierre, nem chegou a conquistar a aposentadoria. Que pena! Ainda tinha que dar bons passos para contracenar com os 40, com direito à vela e bolo de aniversário, com os seus incansáveis companheiros de armas cantando parabéns! Imaginemos o surrealismo da cena!

Não foi sem razão, entretanto, que experimentou a corte da lâmina afiada da República, em construção. Imaginava-se possuído do bem e capaz de gerenciar o mal, com as chamas e labaredas do seu radicalismo. Foi tomado de repetitiva ingenuidade “pública”, pois acionou a máquina multiplicadora de dinheiro para pagar as contas do seu inquilinato no poder. Deu no que deu! E acabou, pasmem, ele mesmo no cadafalso, vítima das leis do excesso.

Vou encerrar o ciclo revolucionário desta edição. Deixo tudo agora por conta da curiosidade de leitores ávidos por aprofundar os seus conhecimentos sobre essa fase histórica da França, que teve imensa repercussão, feito uma vuvuzela de gente que quer resolver tudo nos campos de combate.

Não nego a ninguém o direito de fincar as estacas do seu barraco para vender o seu peixe. Eu mesmo tenho a minha inclinação, preferência e visão de mundo. Desse encontro não há como fugir. De qualquer maneira você é laçado. Estar dentro ou estar fora não importa. Mesmo que feche os olhos e lacre os ouvidos, haverá de pisar nos frutos maduros que roçam a relva seca do pomar, ao dar adeus à macieira, como se estivessem a fugir da paternidade.... É sina que se cumpre pelos arranjos da sua natureza. É água que chega aos aposentos pela tubulação da rede geral. Mas, aqui, neste território, não vou acender

a tocha da competição. E previno: a ideologia fecha as portas ao conhecimento verdadeiro, incluído o do interior da gente, porque abdicamos de nós mesmos para dar conta apenas da agenda a ser propagada. E, em boa parte das vezes, convém registrar, a refeição é preparada pelos restos de fim de feira.

Não vou, porém, fazer juízo definitivo e nivelar a resolução de estar dentro ao pacto entre Fausto e Mefistófeles (coisa de vender a alma ao diabo pela obtenção de resultados). Afinal de contas, os homens carecem de pão e água para sobreviver, tanto quanto dos dispositivos desta sessão. O canto aqui, contudo, é de outra natureza. Presto essa informação para não ter problemas com o código de defesa do consumidor, pois as minhas posses estão combalidas e sem energia suficiente para honrar as dívidas de espertalhões que não conseguiram saldá-las por mérito próprio, fazendo aquilo que é dever de todo homem de bem: trabalhar, dar duro nas jornadas! Afinal de contas, o pão nosso de cada dia não chega pela lei da gravidade...

Confesso que é o meu iletrado pensamento que se põe diante dos raios da claridade. Sei que não estou possuído do mesmo poder mágico dos acordes do Uirapuru, cujo pássaro, com seu canto guerreiro, mexe até com a sensibilidade das serpentes mais venenosas da floresta... Os meus propósitos são mais modestos. Reconheço que são até que meio atrevidos, porque pretendo ancorar a paciência do amigo leitor num porto de miudezas, de significância duvidosa. Mas devo mais uma explicação. Cada um faz as coisas do seu jeito. Ou do jeito que pode. Se não tenho os pincéis mágicos de Vincent van Gogh para namorar a tela, pelo menos recebo os fluidos da

arte Naif, a qual, mesmo enxugada de perspectivas, possui justificativa para movimentar as tintas. Onde posso dizer: tudo, neste traçado, é engenho da falta de ciência que deu origem a este leite de pedra que estou extraindo. Confirmam nas páginas seguintes. Asseguro que não estou em busca de razão. Dar-me-ei por satisfeito se obtiver a honra da sua atenção.

No mais, o abraço de um poeta meio que sem muita "perspectiva"...

Do autor, Irineu Berestinas.

CONCAVO E CONVEXO

Por dentro. Ou por fora! De dentro pra fora. De fora pra dentro.

Quem se fecha por dentro não se abre pra fora.

Há apenas os de fora, pois nada há dentro
para a ocupar os seus
números e contas.

Quem se esgrima por dentro não enxerga o que está fora.

Há os que se projetam pelo que são, por dentro
e por fora. Há outros que se qualificam pela
pela incompreensão, pois não estão nem
dentro, nem fora. Estes vivem de
ajeites. Ajeites e malabarismos.

Atributos da arte de encenar.

Eis a síntese devastadora
projetada: simular e
dissimular.

Voos e sobrevoos agarrados nas asas
desses dois verbos resolutivos
das próprias questões ...

Régua, régua, meu caro irmão! E que as medidas sejam
recolhidas com acerto acendrado, pois só assim a
vida pode estar livre de encruzilhadas,
próprias e por terceiros
ajeitadas...

Tudo fica em aberto. E que cada um reserve parte do tempo para conhecer o seu formato. Sócrates, lá da longínqua Grécia, já nos preveniu: "Conhece-te a ti mesmo". É o primeiro passo para se desfazer do nó que te comprime...

PROSA E POESIA:

PINTANDO A TELA

Os meus versos não têm religião. Nem são percorridos por filosofias vãs e ambiciosas. Não estão engarrafados por percucientes ensinamentos. Eles são a minha forma de ser no momento da escrita. Não vivem de agrados e não incluem as derrapagens que me derrubaram. Nem as alturas chegadas, por impulso de fortuitas decolagens ...

Quem de nós é que não teve algum momento de altura? São degraus que percorro, um a um, no trabalho de elaboração do que faço. Se subir muito alto, derrapo, pois ainda não tenho lastro para aportar no Nirvana, coisa do achado da ciência budista. Possuem a vantagem de não depender de alpiste para melodiar os gorjeios que quebram o silêncio dos ambientes civilizados... São pura e incurável imaterialidade! Vivem, porém, de tremores e mansidão. Ora estão no topo das montanhas, ora, pisando o chão aplainado de planícies; ora, deslizando até as escarpas de chegada. Imensa variedade! Imensa.... Tudo decorre em variadas paragens. São um bazar de palavras que foram juntadas sem os fundamentos e pilares de projeto preconcebido.

Tudo corre leve, solto. Rédeas, nem pensar! Apenas a moderação que a vida pespegou aos meus encaminhamentos, acorrentada ao juízo que faço, de forma indevida, de mim mesmo.

Segue, porém, o que vou dizer: qual de nós não tem o seu momento de vantagem própria? Indefectível,

próspera, redentora? E com encantos exuberantes por atrair. Os meus versos passam ao largo dos livros de cada ciência. Eles são a própria ciência! Ciência de coisa nenhuma! Mas num aspecto não há neutralidade, pois convivem com cores, sim! O amarelo e o azul são as minhas preferidas. Paralisantes, determinam o meu estado de espírito, ao derrapar nos enlevos que provocam mudanças na minha entocada sensibilidade.

Se os leitores pedissem que eu nomeasse um pintor, dúvidas não seriam constituídas na minha cabeça, cheia de certezas e veracidade na convivência com esse aspecto. Vincent van Gogh é o da minha irremediável predileção. O homem chegou muito perto de Deus na arte da pintura. E se poder mágico me assistisse, telas, e telas, em branco, seriam preenchidas com as paisagens tremulantes dos seus pincéis mágicos, já convertidos ao Expressionismo que adotou. É muita graça conviver com a sua criação, mesmo que seja pelas gravuras que fazem rodar os seus elevados propósitos com a natureza!

▪ - Nirvana: no budismo, o nirvana indica um estado eterno de graça, pela superação do carma (este são as ações empreendidas pelas sucessivas reencarnações); na verdade é um estado de purificação, em que desalojamos os desejos e as cobiças mundanas. Não somos por eles mais governados...

QUIMERA

Quisera ser outro, acolhendo os chamados da minha consciência. Outros! Ser tantos que não sei.... Um ser múltiplo. Coisa de centenas e milhares.... Armar barracas de multidão para abrigar toda essa gente que descola de mim,
dos meus pensamentos.

Sorrir, discutir, embasar. Digladiar sempre que não haja saída simples ou negociada. Escrever com punhos fortes as minhas letras ternas e suaves.

Dissipar dúvidas que são engordadas por alimentos diários...

Alterar o peso da navegação que transporta coisas desnecessárias e demasiadas.

Encher as represas de tão secas que estão. Falar com Deus. Esclarecer o meu respeito e admiração. Dizer que esses são pontos inegociáveis em minha travessia, a despeito das angustias e incertezas que carrego da mundivivência. Estabelecer, entretanto, as minhas queixas. Levaria uma lista enorme, confesso, se me fosse garantida a porta de entrada, ainda que, meramente em audiência fugaz e passageira.

Explicar que tem•1 muita coisa ainda não resolvida aqui na Terra. Questões importantes! Dizer que eu me alinho à visão do livre arbítrio, mas estamos precisando de alguns acertos de freio, senão a coisa desanda, de vez.